

PRODUÇÃO COLETIVA DE CONHECIMENTO: os grupos de pesquisa em educação da região sul

FABIANE ROBL¹
STELA MARIA MENECHEL²

Resumo

Este trabalho, parte de um esforço mais amplo de investigação sobre Grupos de Pesquisa (doravante GPs) cadastrados no Diretório do CNPq (base corrente), caracteriza os GPs em Educação da Região Sul. Considera dados de GPs de nove instituições, selecionados em função de estarem localizados em Programas de Pós-Graduação (stricto sensu) credenciados pela CAPES, sendo 03 de cada estado da região. Tem, por objetivo central, fazer uma reflexão sobre a produção coletiva de conhecimento e a formação de profissionais em Educação, a partir de informações relativas às bases de criação e sustentação dos GPs, o seu perfil de produção e composição, além da divulgação de trabalhos coletivos na ANPED-Sul. Foram analisados dados relativos a 101 GPs, correspondentes a 39,9% dos grupos de pesquisa em educação da Região Sul, que abrigam 229 linhas de pesquisa, 686 pesquisadores e 615 estudantes. Os dados revelaram que a maioria dos GPs pertencem aos Programas de Pós-graduação e que, quanto à criação, há dois picos de surgimento de grupos (2000 e 2002), coincidentes com anos em que o CNPq fez censos de GPs nas instituições. Os GPs apresentam baixa produção acadêmica efetivamente realizada em grupo, quando comparada à individual; têm pouca interação com pesquisadores de outras áreas da própria instituição e quase ausência de cooperação interinstitucional. Deste modo, confirmam uma tendência, na área da Educação, de produção de conhecimento ainda de forma isolada, com poucas parcerias, e apontam a necessidade de construção, nesta área, de uma cultura de trabalho coletivo.

¹ Mestranda do PPGE/
FURB. Professora da
Universidade Regional de
Blumenau - FURB/SC.
E-mail:
frobl@furb.br

² Doutora em Educação
pela Universidade
Estadual de Campinas,
UNICAMP. Docente do
PPGE/FURB.
E-mail:
stmeneq@zaz.com.br

Abstract

This work is part of an ampler effort of inquiry on Groups of Research (from now on GPs) registered in it takes the Directory of the CNPq (current base); It characterizes GPs in Education of the South Region. Take into consideration data of GPs in nine institutions, chosen in function of their localization within Programs of Pós-Graduate Courses (Stricto Sensu) credentiated by CAPES, 03 of each state of the region. The results show that the GPs presents low academic production effectively carried through in group, when compared with the individual one; it almost has little interaction with researchers of other areas of the proper institution and absence of interinstitutional cooperation. In this way they confirm a trend, in the area of Education, production of knowledge still of isolated form, with few partnerships, and point the construction necessity, in this area, of a culture of collective work.

Palavras-chave

Produção acadêmica; Grupos de pesquisa; Pós-graduação.

Key words

Graduate programs; Reseach groups; Education field.

Introdução

No Brasil, a preocupação com as formas de organização da investigação acadêmica e da pós-graduação data dos anos 80 - é, portanto, recente. De acordo com a CAPES, as linhas e grupos de pesquisa devem agregar, de forma articulada, pesquisadores com habilidades semelhantes e experiências diferentes em torno de temáticas e projetos afins. Com uma atuação integrada estes elementos permitiriam, idealmente, realizar maior quantidade de investigações em um tempo menor. Isso poderia significar um diferencial entre instituições e pesquisadores, permitindo maior participação no financiamento de pesquisas pelas agências de fomento as quais, cada vez mais, privilegiam projetos interdisciplinares realizados em rede. Diante disso, a estruturação da pesquisa em Linhas e Grupos de Pesquisa (GPs) vem sendo, nos últimos anos, objeto de atenção de vários gestores e Instituições de Educação Superior (doravante IES) que querem cumprir as exigências das agências financiadoras e aumentar a produtividade acadêmica.

Para autores como Garcia; Alves (2002) e Wittmann et al (2003), a produção de conhecimento em Educação via grupos de pesquisa representa, também, a possibilidade de uma formação diferenciada de profissionais, à medida que permite formação contínua e embasada no ajuizamento mútuo entre pares (que deve caracterizar a produção científica), integração de diferentes sujeitos com respeito ao saber adquirido pelos mais experientes e, ainda, contribuição individual para o todo, gerando desdobramentos e perspectivas de um salto qualitativo para cada integrante, para o conjunto do grupo, e para a própria

instituição. Existe expectativa de que os alunos de graduação e pós-graduação que participam de GPs tenham oportunidade de atuar em projetos investigativos além da sua própria pesquisa, e que os docentes possam potencializar em muito a orientação individual e a realização de novos projetos. Desta perspectiva, os GPs são espaço de formação humana e responsável de profissionais, à medida que estimulam a reflexão e a produção coletiva de conhecimento, e permitem maior conscientização quanto ao caráter social da atividade científica.

A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação/ANPEd aponta para a compreensão de linhas de pesquisa em Educação como eixos que articulam interesses de diversos pesquisadores, propiciando o trabalho interdisciplinar, a contribuição e o concurso de diferentes visões, abordagens teórico-metodológicas e tradições epistemológicas. Desdobra-se, disso, a possibilidade de integrar, num mesmo grupo, um corpo de pesquisadores pertencentes a diversos departamentos de uma mesma unidade acadêmica, ou até de outras unidades, em torno de um problema ou conjunto de questões cuja complexidade exige reflexão em grupo e o domínio de várias abordagens teórico-metodológicas. Nesse sentido, a organização em grupos de pesquisa apresenta-se como uma alternativa para a realização de investigações mais amplas, longas e complexas, em contraposição à realização de trabalhos individuais, de curta duração e menor amplitude que, de certa forma, caracterizam a produção da pesquisa em Educação nos cursos de Pós-Graduação do país.

De acordo com Severino (2002), os GPs têm ajudado a consolidar uma tradição de trabalho coletivo, formando mais rapidamente novos pesquisadores no interior do próprio grupo. Tal fato pode ocorrer à medida que a organização de uma instituição acadêmica em GPs demanda infra-estrutura mínima de espaço para abrigá-los, além de algumas condições adequadas em termos de recursos bibliográficos, equipamentos de informática e laboratoriais e tempo de dedicação dos pesquisadores. No entanto, no Brasil praticamente não há estudos sobre as condições e resultados da produção de conhecimento e da formação de pesquisadores em Grupos de Pesquisa, bem como referências teóricas e empíricas que permitam uma análise desses pesquisadores.

Tendo em vista a importância que os GPs vêm adquirindo no contexto da produção e formação em ciência, em particular na área educacional, este trabalho analisou uma amostra de 101 grupos em Educação da Região Sul do país (03 de cada um dos estados). Estes grupos, pertencentes a IES com Programas de Pós-Graduação em Educação credenciados na CAPES, correspondem a 12,4% dos GPs do território nacional e 39,9% da região. A análise considerou dados relativos às bases de criação e sustentação dos GPs, do seu perfil de produção e composição, além da divulgação de trabalhos coletivos na ANPEd-Sul. Com isso, buscamos elementos para refletir sobre como vem ocorrendo, no Sul do país, a produção coletiva de conhecimento e a formação de pesquisadores em Educação a partir desta forma de organização da pesquisa.

O Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq/Plataforma Lattes

O Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, ou Plataforma Lattes, é uma base de dados desenvolvida no CNPq desde 1992. Nesta base encontram-se informações sobre os GPs em atividade no país: data de criação e instituição; recursos humanos envolvidos; linhas de pesquisa e áreas do conhecimento; interação com cursos de mestrado e doutorado; produção científica e tecnológica; interação com o setor produtivo.

O Diretório objetiva atuar, principalmente, como: instrumento eficiente de intercâmbio e troca de informações dentro da comunidade científica e tecnológica na rotina do exercício profissional; ferramenta de planejamento e gestão das atividades de C&T; fonte de informação inesgotável; e base para estudos empíricos que permitam alcançar respostas sobre outros campos - como, por exemplo, financiamento e avaliação qualitativa da produção científica e tecnológica. Por ser recorrente, esta base possui importante papel na preservação da memória da atividade científico-tecnológica no Brasil.

Para o CNPq, um grupo de pesquisa é definido como um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente e que têm por fundamento a experiência, o destaque e a liderança no terreno científico ou tecnológico, envolvidos profissional e permanentemente com atividades de pesquisa, cujo trabalho se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa que, em algum grau, compartilham instalações e equipamentos. (www.cnpq.br). Ainda segundo esta agência, a presença de um Grupo de Pesquisa na sua base de dados é indicativo de liderança e relevância de produção na área, além de geração de conhecimento por indivíduos envolvidos em projetos comuns e decorrente de algum tipo de cooperação. O líder do grupo é a principal fonte de informações constante na base de dados; já a identificação e cadastramento dos grupos é de responsabilidade dos dirigentes de pesquisa das instituições a que pertencem. A atualização de dados relativos à produção científica, artística e tecnológica é compromisso de cada pesquisador, que deve manter atualizado seu Currículo Lattes.

O Diretório não responde pela certificação dos GPs cadastrados em sua base, quem o faz são as próprias instituições. Mas estas nem sempre observam, no momento da certificação, todos os princípios estabelecidos. Sendo assim, é possível encontrarmos no Diretório diversos grupos com perfil não correspondente ao proposto. Um dos equívocos mais comuns refere-se à distinção entre pesquisador e estudante: para o CNPq, pesquisadores são aqueles que atuam em atividades investigativas, independente da titulação; estudantes são todo e qualquer graduando ou pós-graduando - exceto o estudante de pós-doutorado. Assim, há margem para que um grande número de pessoas sejam cadastradas como pesquisadores quando, segundo o CNPq, deveriam ser apenas estudantes, por estarem matriculadas em programas de Mestrado e ou Doutorado.

O CNPq realiza censos bianuais com o objetivo de verificar a evolução dos grupos. As informações constantes na base, relativas aos recursos humanos constituintes dos grupos, às linhas de pesquisa em andamento, às especialidades do conhecimento, aos setores de aplicação envolvidos, à produção científica e tecnológica e aos padrões de interação com o setor produtivo, permitem a seguinte classificação: grupos em *formação*, em *consolidação* e *consolidados*.

O vínculo dos pesquisadores com Programas de Pós-Graduação credenciados pela CAPES, bem como sua produção acadêmica, também são considerados. Mas os dados referentes à produtividade docente derivam da contabilização individualizada da produção científica destes pesquisadores havendo, inclusive, dupla contagem da produção em caso de co-autoria. A metodologia utilizada pelo CNPq não permite, portanto, uma visão de conjunto dos participantes do GP, das atividades desenvolvidas e da efetividade do trabalho cooperado. Descharacteriza-se, assim, a definição e a proposta de estimular a organização da pesquisa em grupo, defendida pelo próprio CNPq.

Para Carvalho (2003), falta ao Diretório CNPq um mecanismo qualitativo de avaliação da produção científica dos GPs, uma vez que predomina a abordagem quantitativa:

... segundo a proposta do CNPq, juntamente como o Diretório, pretende-se instituir um sistema de avaliação dos grupos de pesquisa, permitindo uma análise quantitativa e qualitativa da produção científica. *No que tange as análises qualitativas, até o momento, nenhuma proposta efetiva se concretizou.* (CARVALHO, 2003, p.112 - grifos nossos).

No entanto, considerando que os censos realizados deixam em evidência apenas a produção científica individual dos doutores que compõem o GP, não proporcionando visualizar a organização e a produção efetivamente coletiva dos GPs existentes, somos levados a discordar da autora: parece-nos que ao CNPq faltam, também, mecanismos quantitativos de avaliação desta produção dos GPs.

Baldwin; Austin (apud Franco et al., 2001) enfocam a colaboração em rede como um empreendimento que envolve o estabelecimento de metas comuns, esforço coordenado e resultados ou produtos pelos quais os parceiros compartilham a responsabilidade e o crédito. "A colaboração oferece uma fonte de apoio para melhorar o resultado, maximizar o potencial, e alcançar as metas que atraíram muitos à profissão acadêmica". Eles sugerem que há colaboração se os participantes da rede acreditam que seus esforços chegarão ao resultado desejado. E que, à medida que os problemas se tornam mais complexos, cresce a motivação para colaboração, pela percepção de que em grupo se realiza mais do que individualmente. Estes autores afirmam, ainda, que:

a colaboração funciona melhor se os parceiros/membros da equipe compartilham uma missão comum, têm metas claramente definidas, definem diretrizes operacionais, proporcionam apoio mútuo e trabalham num ambiente de confiança e respeito. (BALDWIN; AUSTIN apud FRANCO et al., 2001, p. 95).

Se consideramos correta esta concepção de colaboração, os critérios adotados pelo CNPq para caracterizar o estágio de evolução e avaliar a produtividade dos GPs parecem inadequados, pois apresentam contradições entre o objetivo da formação de grupos e o processo de mensuração das atividades, feito de modo individual e hierarquizado.

Em face do exposto, percebe-se que embora o sistema de organização e financiamento da pesquisa acadêmica no país tenha, nos últimos anos, enfatizado a formação de GPs, o sentido destes em termos de visibilidade da produção e prestígio na comunidade ainda é um tanto obscuro, em face de como a Plataforma os avalia e de como dispõe das informações ao público.

Organização dos Programas de Pós-Graduação e Produção Coletiva de Conhecimento

Em meados dos anos 70, quando foi criada a CAPES, havia uma orientação para que os Programas de Pós-Graduação firmassem uma identidade própria pela criação de áreas/competências de pesquisa que lhes fossem características. As Linhas de pesquisa seriam esta 'identidade', devendo ser um elo de interação entre os docentes e facilitar o trabalho em equipe.

Em 1983, a Resolução CAPES nº 05 estabeleceu novas normas de organização. Os Grupos de pesquisa, a partir deste período, passaram a assumir grande importância, podendo existir inclusive programas sem áreas de concentração, bastando para isso apenas que houvesse linhas de investigação que estabelecessem as suas diretrizes. As linhas de pesquisa deveriam ser criadas/geradas naturalmente, a partir do desenvolvimento dos grupos. Segundo esta concepção os alunos, ao ingressarem na Pós-graduação, também entrariam e participariam diretamente de projetos de pesquisa dos docentes da sua linha, fazendo ao mesmo tempo sua dissertação e vivenciando a prática da pesquisa em um GP com competência estabelecida.

Do ponto de vista do Programa de Pós-graduação, os grupos de pesquisa devem estruturar a formação do aluno, com disciplinas, atividades de pesquisa e outras que culminam com a defesa da dissertação. A dissertação, portanto, deve estar vinculada a uma linha de pesquisa e a determinadas atividades de formação - esta parece ser a organicidade e interação buscadas pelas agências de fomento quando, direta e indiretamente, exigem que os Programas de Pós-Graduação se organizem em torno de grupos e linhas de pesquisa.

Para Severino (2002) toda atividade de pesquisa deve resultar de uma produção coletiva, ainda que sua execução seja mediada pelo agente individual. Por isso, as linhas de pesquisa, como referência central para a docência, a definição dos núcleos de estudos, o delimitamento da temática das dissertações e teses e, para a

produção científica dos docentes e discentes, devem ser sempre constituídas e desenvolvidas por um sujeito coletivo. Sendo assim, o autor aponta ser preferível a existência de poucas linhas envolvendo vários docentes-pesquisadores e discentes, do que muitas linhas com poucos integrantes em cada uma delas - pois apenas desta forma ocorre a superação do trabalho solitário e individual do pesquisador.

Não adianta o programa apresentar grande número de linhas de pesquisa, cada uma se identificando com o interesse particular de cada docente. Ao contrário, o programa só deve criar uma linha de pesquisa quando contar com vários pesquisadores cujas competências e interesses permitam uma atividade conjunta, integrada e convergente, produzindo coletivamente o conhecimento no seu âmbito temático. (SEVERINO, 2002, p.75).

Em estudo sobre os Grupos de Pesquisa de Santa Catarina (abrangendo todas as áreas de conhecimento), Robl; Meneghel (2003) confirmaram esta assertiva: quanto maior o número de linhas de pesquisa em um dado grupo, menor é a produção coletiva, especialmente se este grupo abrigar um grande número de pesquisadores (maior que seis).

Na área de Educação, a importância de GPs tem sido destacada no que respeita ao seu caráter formativo e pedagógico no processo de construção do conhecimento. A presença de estudantes (de graduação e/ou pós-graduação) é bastante relevante, pois permite a consolidação de uma tradição de trabalho coletivo, formando novos pesquisadores no interior do próprio grupo (GARCIA; ALVES, 2002; WITTMANN et al., 2003).

Porém, a política vigente de formação de recursos humanos na pós-graduação não é favorável à produção institucionalizada em grupo. Se considerado o tempo de formação do estudante (24 meses para o mestrado e 48 para o doutorado), temos que este é muito curto para que o pós-graduando produza mais do que a sua dissertação ou tese, constituindo parceria com outros pesquisadores além do seu orientador na redação de artigos científicos. Com isso, a participação de estudantes nos GPs tende a se constituir mais como um espaço de discussão e formação do pesquisador (na construção de objetos de pesquisa e discussão teórica, por exemplo) do que um espaço de construção e produção do conhecimento.

Do mesmo modo, se considerada a situação dos pesquisadores, verifica-se que a escassez do tempo também é uma realidade. Como conciliar atividades de sala de aula, orientação, atualização de leituras, pesquisa individual e, ainda, pesquisa coletiva? É preciso lembrar, também, que a maioria dos atuais orientadores não tiveram, ao longo do seu processo de formação, atividades em grupos de pesquisa. Eles têm, portanto, que aprender junto com seus alunos a trabalhar em grupo, formando uma cultura acadêmica voltada para a construção/ produção do conhecimento de forma coletiva. Desta forma se compreende o predomínio, em todos os programas, de publicações individuais e não de GPs.

Além da ausência de cultura de trabalho em grupo, o sistema de avaliação utilizado pela CAPES (que regula o funcionamento dos cursos de pós-graduação) também enfoca a produção em grupo apenas a partir da soma de publicações individuais dos pesquisadores. A preocupação está limitada à quantidade e ao

local das publicações (pressupondo que o impacto do periódico garanta, ao menos parte, sua qualidade), gerando novamente uma classificação individual dos docentes em diversos níveis. Não atenta, portanto, para o caráter de produção coletiva dos GPs.

A menor produção de artigos em GPs, se comparada à individual, ocorre em todas as áreas de conhecimento, não só na Educação. Esta informação, porém, não deve ser necessariamente tomada de forma negativa. Em áreas como Ciências Exatas e Naturais e Ciências da Saúde, há estudos apontando para a "camaradagem" entre pesquisadores. Ou seja, alguns confundem a formação de grupos de pesquisa, fato desejado para se trabalhar coletivamente em direção a um objetivo, com fábricas de trabalhos científicos, onde cada um faz um e prestigia os outros do grupo, multiplicando em muito a produção científica individual. Diante disso, alguns periódicos vêm regulando o número de autores dos trabalhos que publicam – o que, obviamente, não se aplica a trabalhos multicentros ou grandes projetos, como o Genoma, em que pesquisadores de todo o mundo trabalham em prol de um resultado.

Cabe lembrar, nestes casos, a Lei 5988/73, sobre o Direito Autoral, Art. 14:

A autoria da obra em colaboração é atribuída àquele ou àqueles colaboradores em cujo nome, pseudônimo ou sinal convencional for utilizada. Parágrafo Único - Não se considera colaborador quem simplesmente auxiliou o autor na produção da obra intelectual, revendo-a, atualizando-a, bem como fiscalizando ou dirigindo sua edição (...). (Brasil. Lei 5988/73 de 14/12/73).

Metodologia

De acordo com o Censo 2002, existem no país 15.158 GPs cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, dos quais 814 têm como área predominante Educação; destes, 253 (31,08%) estão na Região Sul. Este estudo tomou como objeto uma amostra de 101 GPs em Educação desta região, cadastrados no Diretório CNPq (base corrente), pertencentes a 09 Universidades com Programas de Pós-Graduação (Stricto Sensu) /PPGE em Educação reconhecidos pela CAPES (www.capes.gov.br - acessado em 15/12/2003). Como o critério de seleção de IES privilegiou a presença destes PPGE, todos os GPs vinculados a estes programas e com área predominante Educação (critério de busca no Diretório) foram contemplados; no entanto, na amostra há GPs que não mantêm, necessariamente, vínculo formal com PPGEs.

Foram analisados 03 GPs de cada estado: Paraná – Pontifícia Universidade Católica do Paraná/PUC-PR; Universidade Estadual de Maringá/UEM e Universidade Federal do Paraná/UFPR; Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC; a Universidade do Vale do Itajaí/UNIVALI e a Universidade Regional de Blumenau/FURB; Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFGRS, a Universidade do Vale do Rio dos

Sinos/UNISINOS; e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUC-RS.

Os 101 GPs componentes da amostra representam 39,9% dos GPs da Região Sul e 12,4% do contexto nacional. Do diretório dos GPs foram extraídas as seguintes informações: i) ano de criação; ii) linhas de pesquisa iii) composição da equipe (titulação do líder; número e titulação dos pesquisadores; número e nível de treinamento dos estudantes (graduação ou pós); iv) produção científica; v) participação nos eventos da ANPED-Sul.

A produção de cada GP foi analisada em consulta a currículos da Plataforma Lattes. Para efeito da análise, adotamos como critério de *produção em grupo*: 1 - trabalhos elaborados por um mínimo de dois pesquisadores da equipe (podendo ser o líder ou não); 2 - trabalho elaborado por um pesquisador (ou mais) e no mínimo dois estudantes (trabalhos de um pesquisador e um estudante podem caracterizar produções orientador-orientando, e não de grupo). Ou seja, não fazemos distinção entre líder e pesquisador, mas somente entre pesquisador e estudantes.

Com relação à divulgação científica dos GPs, foi analisada a participação destes na ANPED-Sul, por este ser considerado o principal evento científico em Educação da região, com espaço para apresentação de trabalhos em todas as sub-áreas. Os dados de participação também foram obtidos pela consulta, em dezembro de 2003, a currículos da Plataforma Lattes de cada um dos integrantes dos GPs (pesquisador ou estudante).

Perfil dos Grupos de Pesquisa da Região Sul

Ano de Criação e Composição dos Grupos

Quanto ao ano de criação, os dados analisados indicaram a existência de dois picos de formação de GPs: o primeiro em 2000, com a criação de 21,78% do total da amostra, o segundo em 2002, com 25,74% do total (ver Tabela 1 e Figura 1). Considerados estes números, temos que, cerca de metade dos GPs foram criados nos últimos quatro anos; trata-se, portanto, naturalmente de grupos ainda em formação. Os dois picos de aumento do número de grupos coincide com os períodos de avaliação de GPs pelo CNPq – os chamados censos. Até o momento, foram realizados pelo CNPq cinco censos: 1993, 1995, 1997, 2000 e 2002, sendo que o próximo está previsto para 2004. Há indícios, portanto, de que o aumento no cadastro de GPs esteja fortemente voltado à preocupação dos PPGE em cumprir exigências e obter financiamento das agências de regulação e fomento. Se confirmada, esta hipótese confere ao objetivo de produzir conhecimento em grupo um caráter mais do que secundário.

Ano de criação	Paraná		Santa Catarina		Rio Grande do Sul		Total/%	
	Abs	Rel	Abs	Rel	Abs	Rel	Abs	Rel
<1996	03	9,67	06	23,07	12	27,27	21	20,79
1997	00	00	02	7,69	03	6,81	05	4,95
1998	01	3,22	01	3,84	03	6,81	05	4,95
1999	04	12,90	01	3,84	05	11,36	10	9,9
2000	11	35,48	06	23,07	05	11,36	22	21,78
2001	05	16,12	02	7,69	02	4,54	09	8,91
2002	05	16,12	08	30,76	13	29,54	26	25,74
2003	02	6,45	00	00	01	2,27	03	2,97
Total	31	100	26	100	44	100	101	100

Tabela 1 - Distribuição dos GPs quanto ao ano de criação por Estado.

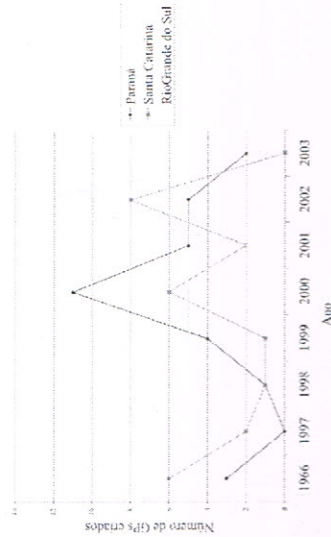


Figura 1 - Distribuição dos GPs quanto ao ano de criação.

Na somatória dos 101 GPs, verificamos a existência de presença de 229 linhas de pesquisa, que abrigam 625 pesquisadores e 578 estudantes. Devido a problemas de cadastramento por parte das IES, não podemos afirmar que todos os indivíduos registrados como pesquisadores não possuem vínculo como estudante com o GP; em nosso levantamento, haveria uma margem de erro em torno de 25% neste registro. Sendo assim, levantamos uma hipótese, a ser confirmada, de que o número de estudantes é, na realidade, maior que o de pesquisadores.

Ainda com relação ao número de pesquisadores e estudantes, é curioso observar que todo estudante inscrito em um Programa de Pós-Graduação credenciado pela CAPES deve estar, automaticamente, inseridos em um GP e, por consequência, no Diretório CNPq. Com isso, havia expectativa de um número de estudantes superior ao de pesquisadores, o que não ocorreu (Figura 2). Tal fato pode ser explicado por: (i) problemas relativos ao modo de credenciamento no CNPq (como abordamos acima); (ii) pelo mecanismo de busca de GPs no Diretório por nós utilizado (Educação/Ciências Humanas/Educação).

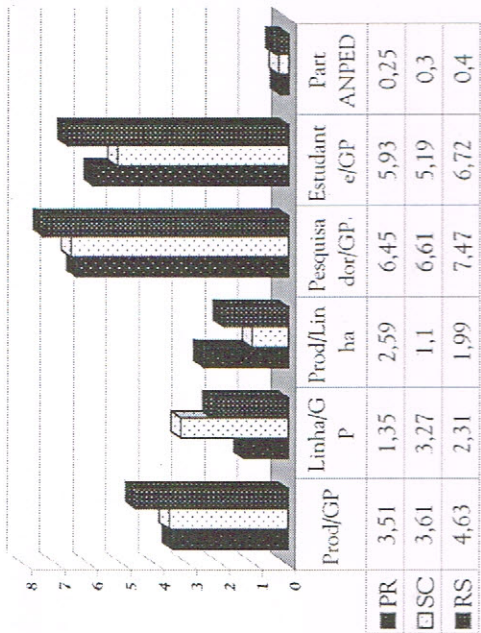


Figura 2 - Caracterização geral dos GPs em Educação da Região Sul.

Dentre os cadastrados como pesquisadores, 60% são doutores, 33,28% mestres e 6,72% possuem o título de especialista ou apenas graduação. Este fato tem implicações significativas para a produção acadêmica do GP, uma vez que estudantes de pós-graduação estão em fase de formação para a pesquisa e, em geral, dificilmente terão condições de produção sem a cooperação do orientador - exceto nos casos de doutoramento. Franco (1997) considera que estudantes de pós-graduação buscam *saber fazer*, o que só pode ser obtido pelo acesso ao saber sistematizado, aos modos de obtê-lo e ao conhecimento de que um indivíduo teve acesso a um meio do conhecimento e que, potencialmente, tem competência para *saber fazer*. Sendo assim, nem todos os cadastrados como pesquisadores no Diretório - em especial os graduados e estudantes de mestrado e doutorado - possuem autonomia para produção conhecimento em educação, ainda que o façam.

Dentre os cadastrados como estudantes, 64,06% são de pós-graduação (mestrado ou doutorado) e 29,91% de graduação (Tabela 2). Estes números desconsideram os estudantes incluídos na categoria indefinido - em 6,01% dos casos esta informação não estava disponível no Diretório dos Grupos, tampouco no Currículo Lattes do indivíduo.

Instituição/UF	Pesquisadores			Estudantes		
	DR	MS	ES/G	DR	MS	GR
FURB/SC	22	00	00	0	38	0
UNIVALI/SC	20	32	00	0	20	10
UFSC/SC	53	38	05	12	18	29
PUC/PR	38	26	05	00	20	11
UEM/PR	51	31	13	00	43	27
UFPR/PR	46	09	01	16	37	30
PUC/RS	46	32	16	10	16	17
UNISINOS/RS	14	02	00	12	12	15
UFRGS/RS	85	38	02	89	51	45
	375	208	42	139	255	184
	625			578		

Tabela 2 - Pesquisadores e estudantes dos GPs por IES.

Produção Científica e Divulgação dos trabalhos nos eventos da ANPED Sul

Os índices de produção dos GPs de cada estado por linha de pesquisa, por pesquisador, por estudante e participação na ANPED-Sul estão descritos na Figura 2. Os dados mostram que a média de produção/grupo é de 4,01, havendo variações significativas entre as IES. Se esta média fosse dividida pelos anos em que se concentrou este estudo (1996-2003), haveria menos de um trabalho em grupo por ano, denotando a baixa produção dos GPs.

Cabe destacar que as IES que apresentaram maior número de linhas por grupo são as que menos produziram coletivamente; do mesmo modo, quanto maior o número de pesquisadores/grupo, menor a produção (Figura 2). A relação entre os dados de produção por grupo (4,01) e linha de pesquisa (1,77) permite pensar que as IES (em especial, os Programas de Pós-Graduação) que apresentam um grande número de linhas de pesquisa não refletem competências e interesses que levam ao desenvolvimento de atividades conjuntas e convergentes; e, por consequência, de produção coletiva de conhecimento. É possível que esta 'fragmentação' em linhas seja decorrente do desenvolvimento de atividades que atendem a interesses particulares de pesquisa dos docentes, em uma tendência já verificada em estudo anterior sobre GPs em Educação do sistema ACAFE/SC. (ROBL; MENEHHEL, 2003).

A produção científica dos GPs dos 03 estados soma 406 trabalhos; porém, apenas 34 destes foram divulgados nos eventos da ANPED-Sul - 8,37% do total. As variações percentuais entre os Estados e as IES estão nas Tabelas 1 e 2. Dentre os três estados, o Rio Grande do Sul apresentou maior participação (52,94%) em relação aos demais. Este resultado reflete o fato que ele possui maior número de GPs e, por extensão, de trabalhos. No entanto, a relação entre o total de trabalhos de cada um dos estados e as produções divulgadas na ANPED-Sul indica equilíbrio entre eles - todos ficam em torno de 8% (Tabela 3).

Estado	Grupos		Pesquisadores		Estudantes		Linhas		Produção		Produção ANPED - Sul	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
PR	31	30,69	260	29,15	184	29,91	42	18,34	109	26,84	08	23,52
SC	26	25,74	172	25,07	135	21,95	85	37,11	94	23,15	08	23,52
RS	44	43,56	329	47,95	296	48,13	102	44,54	203	50,18	52,94	0,088
Total	101	100	686	100	615	100	279	100	406	100	34	8,37

Tabela 3 - Composição e produção dos GPs em Educação da Região Sul.

A análise da produção dos GPs por instituição apresenta variações significativas (Tabela 4). Não foi possível observar um padrão nos três estados - em cada um deles, a distribuição e a quantidade da produção é bastante diferenciada.

Instituição/UF	Produções	Anped-Sul	Percentual	Participações isoladas Anped - 2002
PUC/RS	74	10	13,51	10
UFRS	112	06	5,35	27
UNISINOS	17	02	11,76	14
PUC/PR	40	06	15	14
UFPR	36	02	5,55	17
UEM	33	00	00	21
UFSC	72	05	6,95	42
UNIVALI	21	03	14,29	15
FURB	01	00	00	08
Total	406	34	8,37	168

Tabela 4 - Produção científica em grupo e produção apresentada na ANPED Sul por IES.

Quanto ao modo com que os GPs das diversas IES ocupam o espaço de divulgação na ANPED-Sul, os dados mostram que alguns deles não o utilizam e, outros, estão bem acima da média de divulgação de trabalhos nestes eventos (8%). Sendo assim, não há um comportamento 'padrão' indicando uma tendência quanto à divulgação dos GPs neste evento. Cabe salientar, no entanto, que todas as IES da amostra tem sido representadas na ANPED-Sul por pesquisadores e estudantes de pós-graduação pertencentes aos GPs estudados, mas de forma isolada. Em 2002, por exemplo, de um total de 275 trabalhos, 168 foram elaborados por integrantes dos GPs em questão (61,09% do total).

Os dados apresentados permitem inferir que: (i) embora a ANPED-Sul seja um evento para divulgação e discussão coletiva de pesquisas em Educação da Região, a ausência de efetiva participação de GPs não tem sido um espaço de intercâmbio de grupos de áreas afins, mas de pesquisadores de forma isolada; (ii) a não divulgação da produção dos GPs em um evento como a ANPED-Sul, reconhecido pelo rigor científico com que seleciona os trabalhos divulgados, pode ser um indicativo de que os trabalhos dos GPs não possuem os atributos requeridos quando da seleção de trabalhos.

Considerações Finais

Este trabalho não teve a intenção de traçar comparativos entre os GPs das 09 IES abordadas; tal tentativa seria impossível tendo em vista as diferenças de caráter jurídico, histórico de criação, missão institucional, entre outros. O objetivo geral foi, além de caracterizar o perfil dos GPs em Educação da Região Sul, abrir caminhos para discutir a concepção da organização da pesquisa em grupo a partir de dados contidos no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil - CNPq.

Os GPs analisados revelaram baixa produção coletiva, pouca interação com docentes de áreas afins da própria IES e quase ausência de cooperação interinstitucional. Verificou-se ainda, que quanto maior o número de pesquisadores e linhas por grupo, menor sua produção. A grande maioria dos GPs foi criada recentemente, e os picos de criação, coincidentes com os períodos de censo do CNPq, são indicativos da preocupação das IES – todas credenciadas na CAPES – com sua adequação aos critérios estabelecidos pelas agências financiadoras externas.

Por outro lado, a metodologia adotada pelo CNPq para mensurar a 'evolução' e produtividade dos GPs também não parece adequada à concepção de trabalho coletivo, uma vez que considera apenas a soma da produção dos pesquisadores doutores, havendo inclusive dupla contagem da produção em caso de co-autoria. Ou seja, embora a base do Diretório objetive estimular e difundir informação sobre produção científica cooperada, ela não desenvolveu uma ferramenta capaz de dimensionar a produção em e do grupo (entendido como um conjunto de indivíduos) em sua totalidade.

A divulgação da produção científica dos GPs, tomando por referência a ANPED-Sul (um dos principais eventos acadêmicos da região), dá indícios de que este evento não tem sido um espaço de intercâmbio e discussão coletiva entre GPs, prevalecendo trabalhos individuais – ainda que de pesquisadores dos grupos em questão.

Diante dos dados acima, parece oportuna uma analogia entre os GPs e os estudos na área de educação infantil, a partir de uma afirmação de Bruner (Apud Pérez Gómez, 2001 p.231): explicar o que os GPs fazem não é suficiente. A questão principal talvez seja compreender o que eles pensam que estão fazendo e quais razões têm para tanto.

Referências

- ANPED. www.anped.org.br. Acesso em 18/12/2003.
- BRASIL. Lei 5988/73, de 14/12/73 - Regula os direitos autorais e dá outras providências. CAPES. www.capes.gov.br
- CARVALHO, M. V. *Avaliação da Pesquisa na Universidade Brasileira*. Tese de Doutorado. UNICAMP. Disponível em: <www.libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000299000>. Acesso em: 15/01/2004.
- CNPq. www.cnpq.br.
- FRANCO, M.E.D.P.; MOROSINI, M. (Orgs.) *Redes Acadêmicas e produção de conhecimento em Educação Superior*. Brasília: ANPAE/INEP, 2001.
- FRANCO, M.E.D.P. *Universidade, pesquisa e inovação: o Rio Grande do Sul em perspectiva*. Passo Fundo: EDIUPF, 1997.
- GARCIA, R. L.; ALVES, N. A. necessidade da orientação coletiva nos estudos sobre cotidiano - duas experiências. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (orgs.) *A Bússola do Escrever: desafios na orientação de teses e dissertações*. Florianópolis: EdUFSC; São Paulo: Cortez, 2002. pp. 255-296.

- PÉREZ GÓMEZ, A.I. *A cultura escolar na sociedade neoliberal*. ARTMED, 2001.
- ROBL, F.; MENEGHEL, S.M. *Produção Acadêmica em Grupos de Pesquisa em Educação – O Perfil dos GPs do Sistema ACAPE/SC*. In: *Desafios da Educação neste século: pesquisa e formação de professores*. Cruz Alta: INICRUZ, 2003.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez e Moraes, 2002.
- WITTMANN, L.C.; THEISS, D.T.; ISOTTON, J. et al. *Grupo de Pesquisa como espaço social inadiável de inclusão acadêmica*. EduCadermos, 2003.